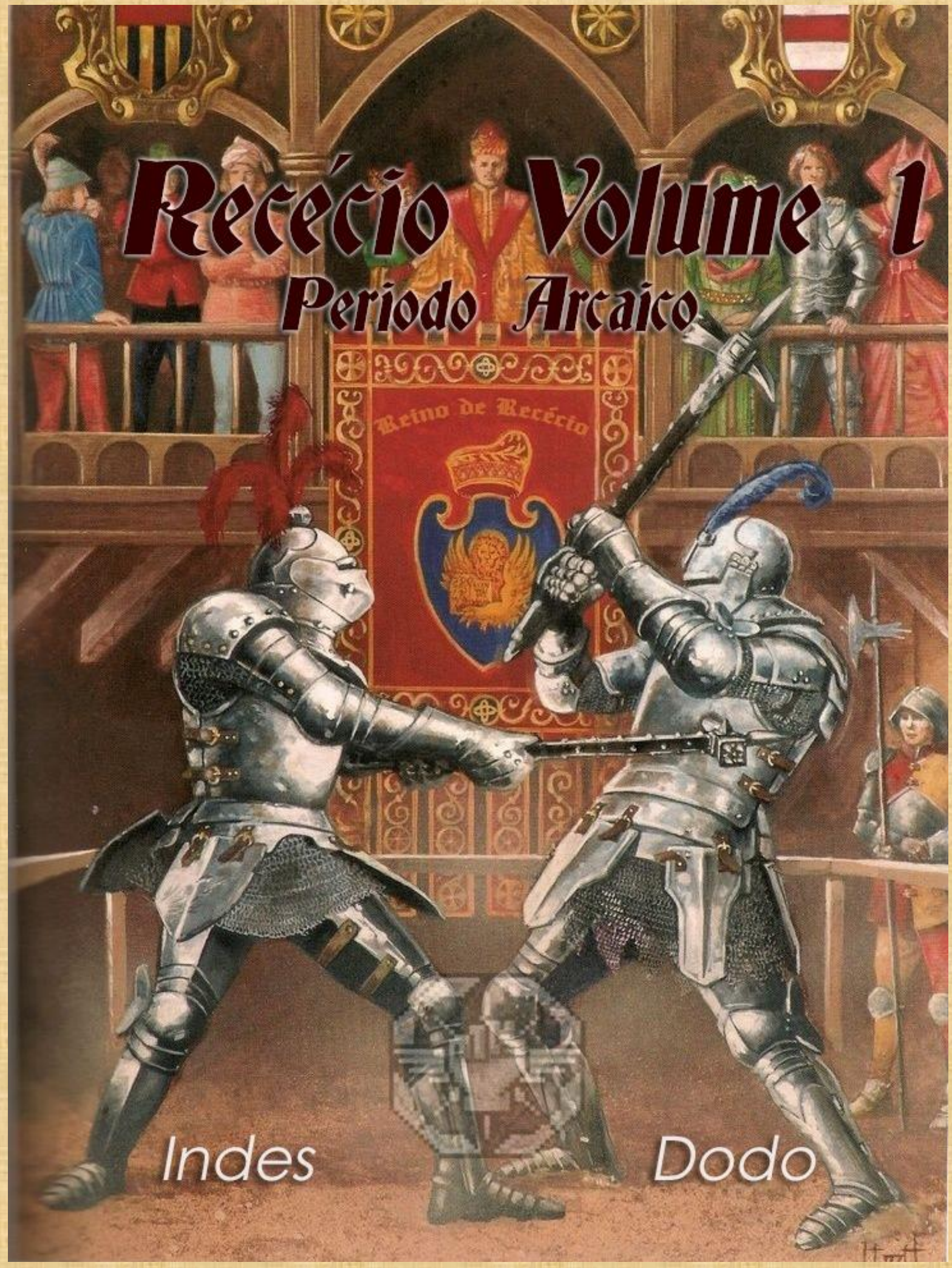


Recécio Volume 1

Periodo Arcaico

Indes Dodo

Algures no tempo, numa região não muito conhecida, vivia um jovem, chamado Indes. Este rapaz era filho de uma família possuidora de grandes propriedades de terra e vivia confortavelmente nos domínios familiares. Naquela área não existiam países organizados, apenas algumas pequenas cidades e aldeias que se organizavam num regime de senado. Indes não se adaptava nessa vida pacata do campo, e sempre quis se mudar para uma cidade maior, que permitia maior interação com outras pessoas. Quis levar consigo então o seu melhor amigo desde a infância, Dodo, outro filho de nobreza e detentor de terras, que era também um jovem. Este já tinha estado perante a presença do conselho dos 10, que constituíam o órgão governativo de Recécio, por isso aceitou amistosamente a proposta do amigo e partiram na semana seguinte, depois de todos os preparativos efetuados. Após 2 semanas chegaram, vindos numa carroça puxada por cavalos fornecidos pela família de Dodo, e entraram pelas linhas defensivas do norte da cidade. Todas as fortificações se encontravam com guardas, que não eram tão amistosos com visitantes, e tiveram inclusive a decência de interrogar os dois jovens recém chegados que, após uma longa conversa, conseguiram entrar. Traziam consigo dinheiro suficiente para comprar uma casa nas partes mais exteriores da cidade, mesmo sendo Recécio uma cidade de pequena dimensão. Recécio possuía cerca de 10000 habitantes, segundo o que um local lhes havia falado um

local e era uma cidade ainda com grande parte das funções rurais, nomeadamente na olaria, na tecelagem, no comércio de produtos agrícolas, mas também tinha novas áreas, nomeadamente a metalurgia. Indes e Dodo, como filhos de nobres, haviam sido treinados durante toda a sua vida para o combate e teriam assim que se apresentar ao conselho para fazerem parte do exército da cidade, pois a sua capacidade de combate e a sua visão do terreno era fenomenal, acima da média. Teriam que primeiramente subir a estrada calcetada que encaminhava ao palácio da cidade, situado num monte e numa segunda fase se apresentar ao conselho e comprar uma casa, ou até mandar fazer, caso não houvessem.

O Palácio cobria todo o cimo do monte de um jeito imponente, todo construído em mármore importado de jazidas recentemente descobertas na Dopácia, com colunas na fachada virada para o caminho, e um grande terraço virado para toda a cidade em baixo, do outro lado da estrutura. Assim que se aproximaram da imensa estrutura de colunas, foram interceptados por quatro guardas que lhes retiraram qualquer objeto cortante, desprovindo-os de suas espadas. De seguida, foram instruídos de como se dirigir às pessoas do conselho. Apenas se encontravam presentes seis das 10 que compunham o todo, e foram estas que tiveram que procurar dentro do grande palácio, todo imensamente requintado com os melhores tecidos e com muitas estantes cheias de livros manufacturados em cada sala com a qual se deparavam. Depararam-se ao fim do corredor principal com uma sala maior que as outras e esta com uma enorme mesa que cobria uma grande parte da mesma, com um pano bordado em ouro nas pontas e vermelho no seu interior. Assim que entraram, rapidamente um novo guarda os

interceptou, mas não a eles especificamente, mas sim aos membros do conselho que se encontravam na sala, e falou, ofegando:

- Senhores é uma emergência!!!! Estamos a ser atacados!!! Mataram os nossos arqueiros que se encontravam nas muralhas e estão a tentar derrubar a porta com um aríete!! Precisamos de reunir o exército imediatamente!

Rapidamente os "conselheiros" entraram em pânico, eram nobres, porém não tinham qualquer formação militar, e nunca antes haviam passado por uma situação destas. Um deles perguntou aos dois forasteiros de imediato:

- Sabem manejar uma espada?

- Muito bem senhor – Respondeu com calma Dodo, mas com uma gota de suor a cair pela lateral do rosto com o nervoso de poder eventualmente morrer.

- Então vocês ficarão encarregues de comandar o nosso exército que não é muito grande, mas acho que é o suficiente para nos defendermos dos invasores. – Disse com nervosismo o mesmo membro do conselho. – Busquem vossas espadas e coloquem esta capa que vos darei! Rápido!

A capa que lhes foi atribuída era azul, grande, e com as extremidades de um tecido mais maleável branco, era símbolo de riqueza e continua o símbolo da flor de Lis, representando a ordem religiosa que lhes ajudava.

- Com estas capas, as tropas que já se encontram na baixa irão saber que estão no comando... Vão... E por favor salvem a nossa cidade.

Com isto, Indes e Dodo se apressaram a se equipar com armaduras especializadas que se encontravam guardadas no palácio, equiparam a capa e levaram as melhores espadas existentes consigo. Assim que estavam prontos desataram a correr pela inclinada estrada da encosta, sendo aplaudidos pelo exército que já se encontrava na rua principal (Rua de S. Estêvão). Tinham à sua frente o maior desafio da sua vida, tendo que provar a estranhos a sua capacidade, estando com fome e na obrigatoriedade de liderar um exército que nunca fora seu. Assim que desceram, Dodo foi comandar as tropas na linha da frente enquanto Indes recolheu alguns homens para o ajudar a resgatar a população para as províncias a partir do portão oeste. Na frente de combate, Dodo tinha à sua frente um enorme portão sendo deitado abaixo pelos invasores, nenhum homem nas muralhas e uma chuva de setas caindo sobre eles, que se protegiam com seus escudos. Disse então para as tropas que comandava, que eram algumas centenas:

- Preciso de arqueiros em todas as casas desta rua, urgentemente! Todos os arqueiros nas janelas onde se podem esconder e atacar ao mesmo tempo!

Assim que o comando foi dado, uma grande massa de arqueiros foi se distribuindo pelas casas e inclusive alguns foram para o pátio superior do palácio, de onde se via toda a rua abaixo.

- Aos restantes, ficaremos aqui e iremos contê-los nesta rua para os arqueiros os matarem! Quero também homens nas laterais das ruas e mesmo no pé do portão, vão flanqueá-los! – Dodo, prosseguiu: - Alguém consegue arranjar palha e tochas rapidamente?

Um soldado disse:

- Eu senhor! Vou já buscar e levo dois amigos para ajudar!

- Rápidamente, cinco minutos! Aos restantes, vamos segurar os portões antes que consigam derrubar!

Assim que os "homens da palha" chegaram carregados, Dodo mandou-os colocar a palha ao pé do portão, no seu lado, o interior. Colocaram muita extensão de palha, e já sabiam o que o seu comandante pretendia com aquilo. De seguida, falou:

- Dêem as tochas aos arqueiros destas primeiras casas da rua, lá em cima por favor e rápido! Digam-lhes para atirarem setas flamejantes para a palha assim que os invasores entrarem! As tropas da frente irão ficar com os escudos maiores para os bloquearem, para serem queimados! – Dizia Dodo em esforço enquanto segurava o portão de costas com mais uns 20 homens.

Assim que tudo se encontrava preparado, os homens dos portões abriram-nos e fugiram para as laterais com as suas espadas, onde aqui se encontrava o comandante, Dodo. Uma multidão de gente com expressões faciais de agressividade entrava pelo portão com armaduras leves, muitas de couro, com as suas espadas e sem escudos, era o ideal para os defensores. Ao sinal de Dodo, os arqueiros incendiaram toda a zona da palha, queimando dezenas de inimigos e fazendo recuar os muitos ainda restantes. Assim que as chamas abrandaram, os outros desataram a entrar desalmadamente contra a muralha de escudos, e enquanto estes se esforçavam para os conter, os arqueiros das casas atiravam flechas contra os invasores, derrubando um a um com a ajuda dos flanqueadores laterais e dos traseiros, que era Indes e os seus homens, que saíram do portão oeste e atacaram os inimigos por trás pelo

norte, reduzindo-os a um número quase insignificante, que foi rapidamente exterminado, sendo atacado por todos os lados. Tinham vencido a batalha contra centenas de homens quase sem qualquer perda... Era um feito algo extraordinário. Dodo e Indes foram abraçados com grande ânimo pelo exército e queriam aclamá-los Reis, apesar de não poderem ser os dois Reis. Recolheram todos os cadáveres e empilharam na grande praça central onde iriam queimá-los e de seguida Dodo disse:

- Sem estratégia não rende, não é mesmo?

...

Com a situação já controlada, o conselho decidira reunir-se para tomar algumas decisões importantes ... Chamaram a certo ponto Indes à sala, sozinho, sem Dodo.

Não era bem o que estava à espera, sendo que o conselho havia decidido, pela falta de uma centralização de poder, aclamá-lo Rei de Recécio pela bravura e capacidade de liderança demonstrada face à situação de ataque à cidade... Tendo assim Indes total poder total de decisão na cidade, com última aprovação por parte do conselho, que aceitou Dodo na Regência juntamente com o companheiro.

Algumas semanas se passaram ...

...

- Com o tempo encarrego-te de outros privilégios na corte. Disse Indes, com um tom amedrontado. Dodo, na sua consciência, sentia que devia ajuda o seu amigo de sempre, e seria isso que iria fazer.

- Anda, temos de discutir algumas políticas... Com isto, Indes e Dodo entraram na cidade, pela rua de S. Estevão, e foram conversando:

- Temos que marcar a cerimónia da tua coroação, convoquemos a assembleia e marquemos...

- Com calma, acho que os conselheiros não vão concordar com o facto de eu querer alterar a hierarquia, sem satisfazer os interesses deles... Tens alguma ideia?

- Bom... Podemos sempre dissolvê-los e talvez começar um novo regime com uma nova hierarquia, novas regras, entre outras coisas...

- Vou tentar-me conciliar primeiro com eles, caso não resulte, desfaço-os em nome do Reino e faço uma seleção pessoal para uma possível Corte.

- Antes de tudo isso, tens que procurar o apoio do exército, do povo e dos párocos... A nossa influência aqui ainda é baixa, temos de os "conquistar".

- Tens toda a razão, há formas e formas de fazer as coisas, se partirmos do princípio de que confiar no povo é como construir sobre areia, nunca iremos a lado nenhum. Temos de conquistar a sua confiança, com benefícios, com a Segurança, e nunca pela opressão...

- Sugiro que se faça uma espécie de contrato entre o soberano, que neste caso és tu, e as pessoas do reino, com a atribuição de privilégios a cada ordem social especifica, em troca do seu apoio.

- Não sei se é uma boa ideia, o meu poder enquanto rei será posto em causa, dessa forma, é como se eu estivesse implorando pela aprovação do povo que eu governo.

- Que outro opção Tens tu para dar a volta ao conselho?

- Eu poderia tomar algumas medidas autoritariamente como formas de impor poder... Mas eu nunca fui assim e nunca apoiei isso. Talvez o contrato social seja o melhor a fazer.

- Que hás a fazer primeiro majestade? – Troçou Dodo... Indes Ignorando-o, disse:

- Vou falar com uns associados meus de cada ordem pela cidade, preciso que sejas tu a falar com o conselho, mas tem cuidado com o que lhe dizes, não os ameaces.

- Necessitas que o faça já amanhã?

- O mais cedo possível, envia um mensageiro com o aviso para a convocação das cortes em dois dias, no salão do palácio.

- Vou já tratar disso... E enquanto às tropas que ainda batalham nas fronteiras?

- Não podemos parar os nossos planos e focarmos neles. Suponho que se encontrem todos mortos... Ah, preciso que reúnas as tropas que se encontram nos arredores da cidade, vamos focar-nos internamente, nas nossas conquistas .

No dia Seguinte, Já as tropas estacionadas no exterior se encontravam espalhadas pela cidade, nas patrulhas habituais; os membros do conselho informados e os preparativos/negociações entre Indes e os seus afiliados realizados. Iria trazer para as cortes que criaria, representantes do povo e das camadas mais pobres, também estes tendo os seus direitos.

...

Finalmente chegara o dia das cortes. Estava uma bela tarde em Recécio, com um céu sem nuvens, onde sol brilhava intensamente e se ouvia o som dos pássaros espalhados pelas árvores citadinas. Indes e Dodo encontravam-se no salão á espera dos restantes membros. Assim que estes foram chegando, foram sendo servidos humildemente, enquanto os "soberanos" discutiam as falas de cada um :

- Já Estão quase todos... Sussurravam Indes.

- Sabes o que dizer certo? Respondeu no mesmo tom Dodo.

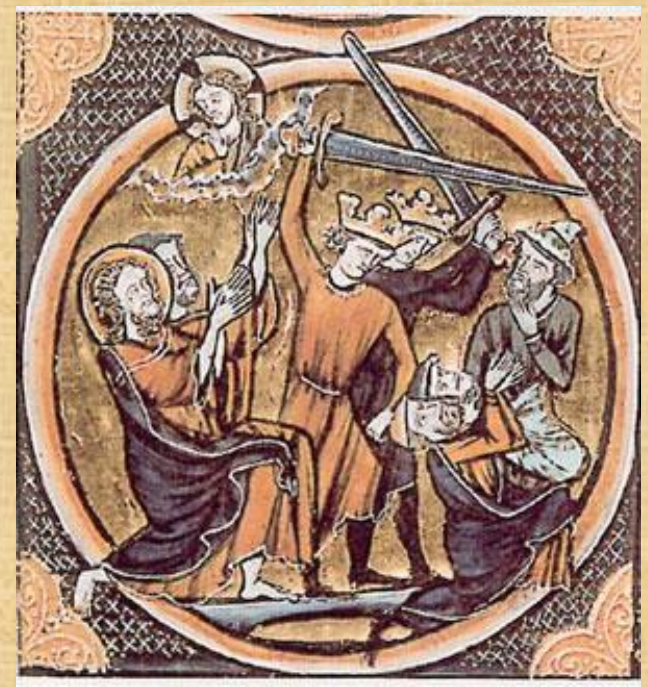
- Sim... Caso me esqueça de alguma coisa, completa por favor. Enquanto Indes se pronunciava, entrou no salão um pobre artesão, o que fez com que todos no salão ficassem de boca aberta e começassem a comentar entre si o que viam. Indes ordenou que todos se sentassem na mesa, esta que era comprida e cobria quarenta pessoa em seu redor. Assim que se ajeitavam os presentes, o Rei começou a discursar :

- Não quero comentários trocistas. A partir de hoje iniciamos um novo regime, um regime mais justo, No qual será permitida a ascensão social por parte dos mais pobres, dentro de uma monarquia.

Um clima tenso instalou-se no salão.

- Os vossos cargos enquanto nobres de toga (Burgueses que compraram títulos nobiliárquicos) poderão ser ocupados por representantes das camadas mais pobres. Como? Pelo serviço que prestam ao reino. A ascensão será possível de duas formas, uma será feita com capacidade de luta individual e feitos, a outra, será pelo tempo que se contra no cargo/título. Vou também aqui anunciar uma nova hierarquia (Nobiliárquica). Qualquer cidadão pode fazer parte do exército, e pode por isso, ascender nos cargos. Alguém tem alguma objeção quanto a isto? Alguém se opõe? Quase todos se levantaram e começaram a protestar muito perto do Rei. Dodo com um golpe subtil, preciso e repentino, espetou a sua espada pelas costas de um dos nobres membros do conselho que protestava, que se desvaneceu em sangue no chão. Com isto, todos os outros presentes sacaram das suas espadas e apontaram-nas na direção de Indes e Dodo, e ouviu-se:

- Eu sobia que estes dois não era pêra doce, matem-nos! Indes sacou também da sua espada e encostou-se ombro a ombro com Dodo. Era para isso que tinham sido treinados toda a sua vida, e não era agora que iriam morrer com certeza. Os atacantes, que eram cerca de quinze, cercaram os dois soberanos e foram atacando um a um. Assim que aplicavam um golpe, um bloqueava-o e o outro matava-o sem piedade com uma velocidade incrível, era como se as espadas fossem uma extensão de seu próprio corpo. Um a um caíram cerca de dez



inimigos. O chão encontrava-se com uma enorme poça de sangue derramado dos pálidos corpos. Os restantes decidiram atacar todos de uma vez, o que colocou Indes e Dodo numa situação desconfortável: tinham que fazer um esforço enorme para não cair sobre as espadas Inimigas. De súbito e surpreendentemente, o pobre artesão pegou numa espada de um dos mortos e com um grito de guerra atraiu a atenção de todos. Os nobres restantes numa atitude trocista ignoraram-no por completo, até que o artesão com um só golpe decapitou quatro inimigos e de seguida, assassinou o último quase como um relâmpago.

- Isto não me surpreende Maycon... - Disse Dodo num tom sério e aliviado.

- Mas , tu o conheces? - Questionou Indes com grande surpresa no tom.

- Claro, já tem alguns anos...

- Foi um prazer lutar ao vosso lado, honradíssimos senhores! - Proferiu com seriedade Maycon

- Honradíssimo! - Disseram em uníssono os soberanos.

Em seguida, os criados começaram imediatamente a limpar os corpos e a tirá-los do local:

- Onde quer que os deixemos majestade?

- Lá fora, ao lado uns dos outros. As famílias correspondentes devem vir buscar os pedecidos assim que forem informados do ocorrido... Dodo, podes fazer o favor de enviar um mensageiro às famílias?

- Claro Majestade.

- Irmão... Já te disse para não me tratares dessa forma, com essa formalidade...

- Sem problemas Indes! - E sorriu.

Assim que a sala fora totalmente limpa, ou quase toda, ficaram no recinto apenas os soberanos. Estiveram por uns momentos a acalmar o coração devido à intensa batalha, e por fim retomaram o tema da reunião:

- Depois disto, vai sair muita gente do nosso Reino... - Proferiu Dodo num tom preocupado.

- Enquanto Rei tenho o dever de cuidar desta cidade, com os membros do conselho ou sem eles.

- Vou avisar aos mensageiros para se dirigirem às famílias destes tipos então... - Disse o amigo do Rei, com um longo Suspiro.

- Antes de saires...

-Sim?

- Manda-os avisar às principais referências da cidade acerca da minha ascendência a Rei diretamente. Não haverá coroação.

- Sem problemas, Indes. – E desta forma apenas ficou o Rei na sala, sozinho, com seus pensamentos, ambições e receios.

Decidiu desanuviar um pouco, então foi a um pequeno lago na encosta, sem seus guardas, onde se situava o seu palácio. Ficou a mirar no reflexo daquelas águas alcalinas.

Ultimamente tinha-se esquecido completamente das coisas com que se preocupava antes. Indes era um jovem-adulto, agora com seus 27 anos, mas com feições de uma pessoa mais velha. Era alto, robusto, com cabelos negros como a noite, que cobriam as orelhas. Dodo e ele eram muito parecidos em feições. Havia quem dissesse que eram irmãos, mas com uma diferença: o modo de pentear os cabelos. Enquanto Dodo inclinava-o para frente, Indes fazia ao contrário.

Ali se encontrava ele.

Ficou pensando em tudo o que conquistara até agora. Era Rei de Recécio, tinha tudo o que gostaria, mas esqueceu-se até mesmo da família que lhe restava.

Após dar o recado aos mensageiros reais, Dodo foi à casa de seu amigo e salvador, Maycon, que vivia numa pequena casa modesta, coberta de telhas. Bateu na porta e esperou. Secódio, filho mais velho de Maycon abrira. Logo seu pai o viu e convidou-o para entrar:

- Sente-se aqui – Apresentando-lhe o filho – Este é meu filho mais velho, Sec. Tem apenas oito anos... Aguarde um instante, logo a minha mulher lhe trará algo para beber.

- Agradeço desde já a comodidade e seu feito hoje mais cedo...

- Sabes que estou sempre aqui para ajudá-lo... – Sec interrompeu:

- Vou até o tio Gabriel. Se precisares de algo papai, chama-me – E foi-se embora.

- Ele trata-te sempre assim? – Questionou intuitivamente, Dodo.

- Sim... Sempre tive uns problemas com ele. Só espero que não cresça rebelde...

- O meu marido nunca lhe deu a devida atenção... – Interrompeu sua mulher com um bebê ao colo – Que a verdade seja dita.

- Não me difames, mulher! – Com mais calma disse - Ah, este é o meu filho Yann e esta é minha mulher, Naila – que logo entregara uma xícara de cerveja a Dodo.

- Muito obrigado! – E bebeu rapidamente, aprontando-se para ir ao jantar no palácio – Agradeço o carinho que tiveram, mas preciso ir.

- Apareça sempre, amigo – e despediram-se todos.

O pequeno Sec, que havia saído de casa como um foguete, na verdade contara uma mentira ao pai. Ao sair da casa, Indes o avistou no lago, sozinho, e dirigiu-se ao rapaz:

- Querido, o que faz aqui sozinho a esta hora?

- Estou a ver os peixes. – Respondeu-lhe inocentemente

- Posso sentar-me ao teu lado? – Acomodou-se – Gosto de ver os peixes também.

- Pode. – Disse secamente

- Como te chamas?

- Secódio, mas todos me tratam por Sec. – E sorriu

- Chamo-me Indes... Deixa-me perguntar algo? – O garoto assentiu – O que queres ser quando cresceres?

O rapazinho pensou por um tempo, mas logo respondeu:

- Rei! Quero ser Rei de Recécio!

Indes permaneceu pensativo e mudou o assunto:

- Acho que está ficando muito tarde, Sec, por que não vais para casa? É perigoso a esta hora.

- Então por que está aqui sozinho?

- Porque já sou grande e crescido... E quem é grande pode fazer isso!

- Mas eu também sou crescido!

- Bom, eu preciso ir pequeno... – Acariciou o cabelo de Sec – Vais ficar só, tudo bem?

Com medo, o rapaz disse que não e logo correu para a cidade... Quando subiu o rochedo, Indes pensou "Nunca vi alguém com tão pouca idade a dizer que deseja ser Rei... Se bem que, nem aqueles com mais idade pensam assim por normalmente ser por hereditariedade... Talvez eu o veja por aí mais vezes".

Assim que chegou ao palácio, encontrou Dodo à sua espera, que lhe disse:

- Os recados já foram entregues

- Muito bem! Amanhã apresentarei sem falta a hierarquia.

- Vamos jantar... Tivemos um logo dia...

E assim passava mais um dia, desta vez com muitos feitos envolvidos, no Reino de Recécio.

...

- Indes, o teu reinado aqui acabou!

- Mas porquê, Dodo? Não faz sentido!

- Silêncio!

- Indes, eu tentei ajudar...

- Não, Maycon. Não!

- Silêncio, Maycon! O destino dele acaba aqui e agora! – Assim que Dodo pegara na espada e preparava-se para desferir um golpe mortal, Indes acordou sobresaltado. Era apenas um sonho, porém na escuridão que se encontrava no quarto, conseguiu distinguir uma figura alta com um objeto brilhante na mão, que se encontrava imóvel. Indes pôs-se de pé, mas não sabia o que fazer. Decidiu conversar com a figura:

- Quem és tu? O que queres de mim?

- Vingança – Sussurrou uma voz feminina.

Passados alguns segundos constrangedores, a mulher correu na sua direção com um punhal em riste. Com facilidade, o soberano agarrou-a e tirou-lhe a arma. Quieta, a mulher pôs-se a chorar, sentando-se aos poucos ao chão. Cheio de pena... Indes deixou a faca de lado e sentou-se com ela.

Minutos mais tarde, a mulher recuperou sua arma, pondo-a em posição de degolar o jovem rei. Perspicaz, este salvou-se novamente, agarrando a traidora e deixando-a imóvel ao solo. Em seguida, Indes sentou-se em

cima dela, segurou-lhe as mãos paralelamente a cabeça. A invasora não tentou se libertar.

Finalmente conseguiu encará-la. Era uma moça que aparentava ser mais jovem que ele. Tinha cabelos escuros e lisos, feições definidas e olhos tão grandes e negros quanto seu cabelo.

Ali ficou, a mirá-la, e conseguiu ver de alguma forma, uma dor profunda que atormentava a jovem moça. Ela já havia parado de chorar quando começou a encará-lo também. De súbito, o rei beijou-a por impulso e ela assentiu. Assim ficaram por um longo tempo quando Indes soltou-a pouco a pouco e levantou-se para ir na janela.

Quando estava observando a paisagem, sentiu ele uma lâmina sob seu pescoço e disse:

- Mata-me. Desafio-te a o fazeres. O que esperas?

Logo a lâmina afastou-se, e a garota começou a chorar:

- Em que eu estava a pensar? Eu não sou assim! – Soluçou – Mataste meu pai! E nunca perdoarei isso! Talvez devamos acabar com isso de uma vez.

Chorando, enfiou a arma em sua própria barriga, desvanecendo-se em sangue... Havia desmaiado. Indes, em aflição, tirou cuidadosamente a faca do abdômen da invasora, pegou um lençol e o envolveu na cintura da mulher, comprimindo a zona da ferida enquanto rapidamente calçava algo e a pegava pelo colo. Levou-a com rapidez até a casa do médico mais próximo... Quase arrebentou a porta da casa do doutor aos pontapés até que ele abriu a porta, sonolento e de pijama. Quando o médico viu quem estava a sua frente, ele se chocou, dizendo, assustado:

- Majestade! O que aconteceu a esta mulher?

- Veja por si próprio!

- Venha, traga – a para dentro...

Indes pousou-a sobre uma mesa comprida de madeira coberta por um manto branco. O médico ordenou que o rei comprimisse a ferida enquanto ele fosse buscar seus materiais. Estava assim a salvar a vida de quem o tentou matar... - Pensava enquanto comprimia a ferida da mulher. - O doutor havia voltado e Indes afastou-se para que o médico pudesse costurar a ferida e deixá-la repousar até que recuperasse os sentidos.

...

- É assim o céu? ... Quem és tu? - Disse a mulher ao acordar...

- O teu salvador... Respondeu o Rei com um tom sereno.

Passados alguns minutos em silêncio, o médico recolheu os seus utensílios e os deixou a sós, já que a mulher se mostrava relativamente melhorada.

Permaneceram os dois em silêncio até que a moça o quebrou:

- Agradeço-te por me teres trazido até aqui, mas eu nunca vou-te perdoar.

- Eu matei teu pai em legítima defesa. Ele e os outros queriam-me matar...

- Devias ter deixado! Perdiam – se menos vidas e poupava-se mais lágrimas já que não tens família por aqui! – Gritou a jovem.

Indes ficou em silêncio e sentou – se numa cadeira que estava próxima da mesa. Estava desanimado consigo mesmo e cabisbaixo:

- Talvez ela tenha razão... Talvez tivesse sido melhor eu tê-los deixado-me matar... Eu não quero viver com este peso na consciência para sempre... Pensou ele, com lágrima nos olhos.

- Desculpa, eu não queria que ficasses assim, desculpa... – Disse a moça levantando-se com um enorme esforço em direção ao Rei. Este levantou-se e a ajudou a manter-se em pé. Para sua surpresa, a mulher abraçou-o intensamente e assim lhe retribuiu Indes, que disse, tristemente:

- As pessoas acham que por eu ser o Rei, eu sou feito de ferro e que todas as pessoas podem-me dizer o que quiserem e entendem, achando que eu estou na obrigação de aceitar e tolerar isto. Ter poder não nos priva de sentir emoções e sentimentos em relação aos que estão a nossa volta. Vai criando uma dependência de nossa parte maior, relativamente, a quem nos é próximo. Ninguém é completamente imune aos outros, seja um pobre comerciante, um rei ou até mesmo um Imperador. Eu também sinto... – A moça calou-o colocando o dedo indicador em seus lábios e disse:

- É raro algum soberano pensar assim... Só querem saber de poder para si mesmo, mas tu quiseste dá-la de certa forma ao povo que governas, permitindo uma ascensão social... Talvez o meu pai tivesse errado por se revoltar. Desculpa por isso e pelo que eu te disse antes...

Indes nunca tinha encontrado alguém que fosse assim, capaz de entender e pensar como ele. A mulher sentou-se numa cadeira de madeira. Ficaram uns instantes numa troca serena de olhares, que chegava a ser estranha, por conta do que tinha acontecido mais cedo nesta noite...

Assim que o Sol foi nascendo na planície, Indes pegou na sua "amiga" ao colo e levou-a até à sua casa. Enquanto se aproximavam da porta, perguntou-lhe:

- Como te chamas?

- Letícia. Respondeu a moça em baixo tom.

A casa deLetícia era um palacete, com paredes brancas e recantos amarelados devidamente ornamentados e com pormenores arquitetônicos bem recortados. Estava rodeado por um jardim muito bem cuidado que à luz do Sol, parecia um paraíso. Bateu a porta suavemente o jovem Rei. Alguém do lado de dentro a abriu, mas só um pouco, na qual era possível ver um pouco do seu interior que era ligeiramente mais humilde do que a fachada do palacete. O Rei entrou devagar, pois não era possível ouvir qualquer som vindo de dentro da casa. De súbito, uma mão com uma adaga vinha em direção ao pescoço de Indea que, por instinto, desviou agilmente enquanto Letícia agarrou a mão que era de sua mãe. Esta, por sua vez, disse:

- Larga-me filha! Este homem merece morrer pelo que fez. Seja Rei ou não. – Gritou.

- Para minha mãe, por favor! Ele salvou a minha vida. – Disse Letícia, assustada.

Com calma a mãe de Letícia foi abaixando o braço e exclamou:

- Eu não quero saber o que ele fez agora! Deixe a minha filha em paz e nunca mais se aproxime dela. Assassino!

Com isto fez-se silêncio. Indes e Letícia olhavam um para o outro, enquanto ele a pousava no sofá.

- Não estou gostando desses olhares. Não vou permitir isso, filha. Não com este canalha! Saia da minha casa, seu assassino!

As palavras tocaram mesmo no coração do rei, que saiu pela porta, cabisbaixo, sem proferir uma única palavra. Fechou o pesado forte com serenidade e caminhou até ao seu palácio.

Pelo caminho foi pensando nos nomes que lhe foram atirados pela mulher... No seu pensamento, dizia a si mesmo:

- Talvez seja mesmo mais correto eu nunca mais o ver, afinal de contas, conheci-o hoje, e foi ao tentar-me matar. Vou simplesmente esquecer isto. E assim foi rumo ao palácio, onde adormeceu até à tarde.

Foi acordado pelo seu amigo Dodo, que lhe questionou acerca do que tinha acontecido na noite passada e Indes assim lhe contou tudo ao pormenor, com algum sono ainda. De súbito fez-se silêncio, e Dodo iniciou:

- Sei que tens um plano de hierarquia na cabeça, porém enviei um mensageiro algumas semanas atrás ao Reino de Rucrúcio (Primeiro Reino a ser formar no mundo, anteriormente à sua criação existiam

apenas algumas cidades-estados com regras e leis próprias) para nos passar o seu protocolo da hierarquia deles, que está o espalhar pelos outros reinos desde a Dopácia, recentemente criada, à Depêga e ele chegou hoje pela manhã com as informações.

- Vou só vestir os trajes reais e vou ter contigo aos arquivos.

E assim Dodo aguardou, já organizando os diversos papéis em papiro com informações de Rucrúcio, além da hierarquia. Assim que se vestiu, encontrou-se com o seu amigo na sala destinada, que se encontrava cheia de estantes muito altas todas recheadas de livros manualmente elaborados, com uma pequena mesa no centro do compartimento, onde se encontrava um monte de papéis com muito texto escrito.

- Pelo que meu abatedor pôde avaliar...

- Batedor? Não era um mensageiro...? Dodo... - Suspirou Indes interrompendo o seu amigo - vamos manter-nos longe do caos, por favor...

-Não te preocupes... Ele não foi apanhado... Mas vou continuar... Acerca deles soube que foram o primeiro Reino fundado oficialmente e que sempre tiveram bastante sucesso desde a sua criação pelo poderoso rei Nabas que até hoje se mantém no poder... Tem uma hierarquia não de ascendência mas de equivalência e possuem uma organização de burgueses aliados, cujo objetivo é fornecer o reino aliado e a imigração para este... Esta se chama Golpe, e tem como fundador um rico e jovem burguês apelidado de Rodrigão. Quanto à hierarquia, dá aqui uma olhada nos títulos e diz-me o que pretendes fazer aqui no nosso Reino...

Com calma, Indes deu uma olhada nos papéis cuidadosamente escritos.

Após uns minutos, proferiu:

- Envia uma pessoa à Dopácia com o objetivo de recolher as mesmas informações que recolheste de Rucrúcio...

- E com as que temos, não planeias fazer mais nada? – Questionou Dodo

- Julgo que não... No caso de termos uma hierarquia semelhante à dele somando ao seu poder económico e militar, iríamos ser totalmente esmagados...

- Ah... Entendo o teu ponto. Vou já enviar um homem à Dopácia.

Com isto, Dodo deixou Indes lá sozinho a pensar na noite anterior e em especial naquela mulher que o tentara matar.

De súbito afastou-se dos seus pensamentos com um funcionário real que já se encontrava na sala há alguns minutos e que já o tinha chamado inclusive:

- Senhor, sente-se bem? – Questionou o criado num tom preocupado.

- Sim Abel... Não te preocupes, só quase que não dormi.

- Veja se dorme pela tarde senhor!

- Sim... Acho que estes dias terei um descanso.

...

Com isto se passaram muitas semanas de muita calma e serenidade...

...

- Tenho aqui o relatório do batedor à Dopácia, Indes.

- Podes deixar aqui na secretária, vou passar a tarde a pensar e a analisar.

Dodo, com pressa, deixou ao seu amigo os documentos e dirigiu-se à rua de S. Estêvão, onde iria abrir uma taberna popular. Recécio (cidade) era uma cidade desprovida de meios de entretenimento, não sendo assim tão feliz quanto seria esperado...

Assim que se encontrava no local onde seria erguida a sua taberna, encontrou-se com um arquiteto da cidade que já tinha um plano trabalhado:

- Ah Pascal! Já tens a planta pronta? – Perguntou Dodo.

- Sim senhor, tenho-a aqui – E abrindo o papiro, mostrou e explicou a Dodo

como iria ficar toda a estrutura – e fora isto necessitarem de carregamentos de madeira de abeto e de mármores.

- Mármores? Não ficará muito pesado? – Interrogou com dúvida.

- Não, não se preocupe, é apenas nos cantos para segurar o edifício.

Com isto, Dodo teria de enviar alguns mercadores ao local de extração de mármore mais próximo, não sendo ainda um material trabalhado e muito menos utilizado por ali...

...

Semanas mais tarde, os materiais haviam chegado e a construção começara.

A esta altura Indes já tinha bem presente na sua mente a hierarquia, porém, iria divulga-la em reunião geral com os habitantes da cidade, na sua totalidade homens ativos. Marcara-a a dois dias do presente dia, pelas quatro horas da tarde, no largo central, que se situava no meio da rua de S. Estevão e que dava acesso à rua perpendicular, e também uma das principais, a rua Magna, que por sua vez garantia acesso à colina real. Indes marcara também esta reunião com todos os habitantes com a possível hipótese de reencontrar Letícia, a qual ainda não tinha conseguido tirar da sua cabeça... Em relação a Dodo e os seus negócios, este desejava que a sua taberna fosse totalmente construída no máximo em dois meses, pois queria colocar a coroa a lucrar o mais cedo possível, de qualquer forma

que fosse. Nomeara um mestre para a supervisão da obra, lado a lado do arquiteto, e começara o trabalho ainda nessa tarde de sol intenso e céu limpo.

De súbito, foi surpreendido pelo filho mais velho do seu amigo Maycon, que se encontrava acompanhado pelo tio:

- Pequeno Sec, que fazes aqui?

- Estive a fazer uma pausa do nosso treino, aliás, estou! – Reluziu alegremente

- Gabriel...? Acho que é esse o seu nome... Já treina o seu sobrinho tendo ele apenas oito anos? Não será muito... cedo?

- Não, eu já tenho oito anos! Já sou grande e forte! A mamãe disse que quando tivesse dez anos podia me alistar no exército! – Gritou Sec, antecipando o tio.

- Talvez, mas tenho muitas esperanças nele... Faz-me lembrar de mim quando tinha a idade dele!

-Ah... Entendo! – Disse Dodo, já com um pouco de pressa para ir ao palácio.

- Bom, já que se encontra ocupado... Vamos Secódio, ainda temos muito para treinar hoje. – E com isto se foram embora, enquanto o regente os observava partir.

De fato, o treino de Sec era algo pesado para a sua idade. Gabriel levou o sobrinho para a mata junto às muralhas, na parte exterior da cidade. Assim que se reuniu com dois amigos, colocou Sec no meio de um círculo rodeado por àrvores e disse-lhe:

- Agora vais ficar aqui no meio com a tua espada de madeira enquanto eu e os outros iremos atirar facas de madeira, ás quais terás de te defender ou evitar...

- E se eu me magoar?

- Levantas-te, é apenas um ferimento... Em combate, se ficas no chão depois de um ferimento será a tua morte certa.

E com isto, fez-se um silêncio constrangedor na floresta, até a primeira faca ser atirada e o pequeno Sec se desviar. Matinha-se no ritmo até uma lhe atingir na perna e ficar no chão a chorar sem parar.

- LEVANTA-TE PELA TUA VIDA! Gritou o tio por detrás de uma àrvore.

Ainda com lágrimas nos olhos, o pequeno levantou-se e aguentou até ao final...

...

- Muito bem Secódio... Agora iremos dar duas voltas às muralhas da cidade. Terás que nos acompanhar ou ficarás para trás sozinho e à mercê dos lobos.

Com muita dificuldade, choro e esforço, o pequeno conseguiu acompanhá-los, desmaiando já no final. Era desta forma "obrigado a crescer", ou ficaria para trás.

Gabriel despensou-o pelo final da tarde, trazendo-o para casa para junto do seu pai Maycon.

Dodo e Indes passaram o serão a avisar a uma grande parte dos habitantes acerca da reunião, acompanhados por alguns guardas. O rei, assim que reparara na casa onde havia trazido Letícia naquele dia, foi imediatamente bater à porta. Foi a mesma que lhe abriu. Ficaram uns momentos a trocar olhares, enquanto Dodo e os guardas trocavam comentários acerca desta paixão secreta. Por fim, Indes, depois de momentos decidiu quebrar o silêncio:

-Terá uma reunião daqui a dois dias no largo central com toda a cidade para a divulgação de alguns anúncios. – Fez-se silêncio, um longo silêncio. O Rei, num impulso, beijou a aristocrata, enquanto ouvia uns risos contidos por parte do seu amigo e dos guardas:

- Venha Majestade, ainda temos muitas casas pela frente! – Exclamou um da guarda! – Com isto, o Rei afastou-se lentamente enquanto Letícia fechou a porta.

Dodo chegou-se no pé de Indes e exclamou bem alto:

- Então amigo, também vais anunciar ao povo a tua paixoneta? – Troçou.

- Se for preciso...

E assim prosseguiram pelas ruas citadinas na sua missão...

...

A tarde era de chuva, num céu recheado de densas nuvens que a pouco e pouco se iam dispersando. Um palco em madeira havia sido montado no largo para o anúncio real. Indes aguardava a chuva abrandar para sair do palácio com os seus homens. Dodo, por sua vez, já se encontrava no largo, deois de ter passado toda a sua manhã na supervisão da construção do seu negócio. Aguardava assim no palco, com cerca de quatrocentas pessoas mais abaixo, que compunham a população de "nova" Recécio quase na sua totalidade. Quase uma hora mais tarde chegaria o rei, já sem chuva e um céu apenas com algumas nuvens mais leves, enquanto as maiores eram arrastadas por ventos de leste para oeste. Os cidadãos, já impacientes e ainda molhados, na sua maioria,

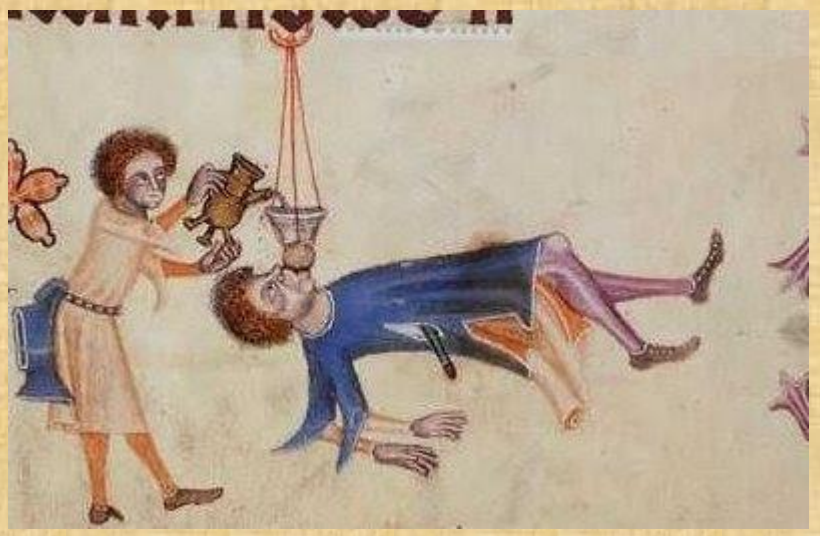
não receberam o rei com muito agrado: permaneceram de pé, em silêncio, até o soberano tomar a dianteira no palco e começar a falar.

- Desculpem-me pela demora! – Fez-se uns breves momentos de silêncio. – Bom, irei-vos explicar como passará a funcionar o sistema de títulos de ascenção social. Como sabem, todos os reinos adotaram este sistema de ascenção de títulos, uns mais a fundo, outros menos. Iremos abrir em breve uma academia real do exército, onde até integrantes das classes sociais mais baixas poderão ingressar. Entramos assim ao mundo conhecido como um Reino organizado... Acerca do método de ascenção, este será possível através de feitos pelo Reino, adicionando a algum tempo no título atual... Mas para a frente iremos dar mais mudadas, estas talvez por certa. No caso de necessitarem de serviços reais, estaremos à vossa disposição. Aproveito também para anunciar a grande abertura da Real Taberna Popuplar, na Rua de S. Estevão, sendo o segundo estabelecimento após a porta oeste da cidade. Obrigado pela vossa atenção.

Com isto, Indes, Dodo e a guarda real regressaram ao palácio, onde já se encontrava um arquiteto, ao qual foram atribuidas ordens de como e onde seria construida a academia do exército:
- Terei os planos prontos no próximo mês majestade! – E com isto se passara mais um dia em Recécio...

...

Por fim, toda a estrutura e armazenamento da Taberna estava pronta. Dodo passou toda a tarde a requintar o seu interior com elementos decorativos próprios. Possuia mais dois andares, um como "mini-estalagem" e a outra como amazém de barris, que seriam transportados tanto para cima como para baixo por um sistema de roldanas. De fato, era uma ideia explendida de Dodo, que também enviou alguns camponeses, a trabalhar no exterior das muralhas citadinas, para novos campos onde seria cultivada a cevada, que por sua vez originaria a cerveja a ser consumida no estabelecimento. A grande abertura seria às nove horas da noite, e foram distribuídas cartas com o anúncio da inauguração nos dias anteriores. Muito trabalho manual tiveram os monges do mosteiro mais próxima a copiar centenas de vezes a carta original...



Estava já tudo pronto e apenas a minutos da abertura, com as portas ainda fechadas e com pelo menos vinte homens na rua à espera. Uns comentavam acerca do mármore na estrutura, outros sobre os seus problemas diários enquanto outros reclamavam do seu emprego. Podiam agora afogar as suas mágoas na bebida. Se lamentarem toda a noite. No interior da acolhedora taberna, Dodo e os seus quatro funcionários preparavam o "stock" de cerveja, toda ela importada da Dopácia, pois o cultivo de

cevada em Recécio era relativamente recente e em pequenas quantidades até à data.

Assim que as portas se abriram, o estabelecimento encheu e permaneceu um bom clima no local. Servia-se cerveja como se fosse água. Dodo observava o ambiente encostado na parede das escadas, e pensava: "É um bom investimento..., mas não podemos parar por aqui. Temos de continuar a investir para não faltar riquezas no Reino". Para sua sorte, a noite revelou-se calma e sem conflitos entre indivíduos num profundo estado de embriaguez. Estava a pensar em procurar, no dia seguinte, um arquiteto que pudesse realizar mais investimentos, os quais planejaria pela manhã.

Assim que acordou, Dodo preparou-se a procurar o arquiteto que pensara na noite anterior. À medida que andava pelas ruas da cidade, ouvia comentários de mulheres cujos maridos teriam frequentado a taberna na noite anterior, como "Estes soberanos só nos trazem ideias problemáticas", ou então "Que péssima essa ideia de taberna! Agora o meu marido nem em casa chegará". Ao observar isto, Dodo decidiu agir e perguntou a uma das mulheres:

- Olá! Deixe-me fazer-lhe uma pergunta? – A moça assentiu – O que gostaria de fazer em seu tempo livre?

- Andar a cavalo é tão majestoso!

- E se eu lhe disser que isso será possível?

- Até para mulheres? – Indagou a moça.

- Sim, senhora! – E com isso o Vice-Rei já sabia em que investir.

Continuou em busca do arquiteto por um tempo até encontra-lo ironicamente na entrada da taberna à espera da abertura:

- O que faz aqui? – Dodo ficara intrigado com a situação.

- *Se-senho-nhor* Dodo – Gaguejou o arquiteto – Estou com certos problemas em casa, e então pensei em dar um jeito bebendo.

- Anda lá, tenho algo para ti.

- Uau! Agora sim um motivo para sorrir – Manifestou-se alegremente o homem.

E assim foram até o Palácio, onde Dodo explicou a Indes e ao arquiteto como fariam esta hípica. Após algumas ideias, decidiram criar um centro especialmente para as mulheres, onde seriam erguidos a academia do exército e uma hípica.

Segundo o arquiteto, os planos demorariam cerca de um mês, adicionando mais um mês para a aquisição de materiais e mais três ou quatro para a construção. Há de demorar bem mais que a taberna, que ninguém sabe como fora construída tão rapidamente.

Ao longo das semanas, Indes e Dodo começaram a importar xistos da Depêga e a recolher e domesticar cavalos selvagens que encontraram nos arredores. Teriam de estar sempre um passo à frente. Dodo colocou Gabriel, irmão de Maycon, como o responsável pelos equipamentos da academia, instrutor e técnico de treinos, visto que demonstrava entendimento do assunto.

...

Assim, alguns meses se passaram até o fim da construção de todo o projeto. Os soberanos decidiram enviar para todas as casas, através de cartas, um aviso em relação ao alistamento para todos os homens com idade mínima de 14 anos. Assim que a mensagem original fora escrita por Indes, um mensageiro levou-a ao Mosteiro mais próximo, para que monges fizessem cópias.

Acerca da construção, as instalações do exército estavam dispostas em "U", com diversos instrumentos, tanto para o combate corpo-a-corpo como para espadas e arcos. Atrás da grande estrutura havia uma enorme pista em terreno aberto, para que a Cavalaria Real fosse construída. À margem da pista, um grande estábulo de capacidade de 150 cavalos. Após uma conversa Indes e Dodo decidiram colocar Maycon, o artesão, no comando da academia e do exército.

Às dez da manhã, no dia da Grande Abertura, o Exército Real e outros grupos de soldados vindos de outros reinos estavam no Pátio Principal da Academia, juntamente com alguns cidadãos comuns que desejavam ingressar no Exército, dentre eles, Gabriel.

Maycon, Indes e Dodo começaram a dividir os 600 homens em três grandes grupos: Soldados, Arqueiros e Rangers – Uma força especial de

apoio aos soldados -. Maycon explicou que que os turnos seriam diurnos, um pela manhã e/ou pela tarde, e noturnos, nos quais os grupos se alterariam por funções. O plano de exercícios especializados prolongar-se-iam ao longo dos próximos nove meses, de modo a criar um exército eficiente no campo de batalha. O Rei, enquanto a construção da restante parte da academia decorria, tratou da vinda de alguns soldados da província de modo a pensar na ocupação das tropas naturais da cidade devido aos treinamentos a decorrer. Não poderiam também cessar investimentos por aqui... Pretendiam desenvolver os campos ao redor das cidades do país, com diversas culturas sob o sistema de rotação trienal e conforme as necessidades da cidade em questão. Recécio, enquanto país, não detinha grande área geográfica, sendo um país relativamente pequeno, rodeado de áreas indisputadas, que só poderiam ser anexadas conforme a possibilidade económica do país mais próximo, que deveria construir cidades nessa região. Havia também a necessidade de população que ocupasse esses territórios e organizasse conforme padrões do reino. A necessidade agrícola do reino, segundo Indes, consistia no pão, elemento base da alimentação da população; na fruta; nos produtos provindos da pastorícia, nomeadamente o leite, o queijo e a carne; e por fim a cevada, para a produção de cerveja. Claro que ao desenvolver as plantações, teriam de existir meios de transformação desses produto, nomeadamente o trigo, o leite e a cevada. Estavam a pensar na criação de ruas específicas as funções dos seus edifícios, que seriam distribuídas nos dois lados da rua. Após cerca de três horas discutindo o assunto com Dodo, o Rei decidiu adaptar ruas a essas necessidades. Iriam proceder à adaptação de três ruas, das mais afastadas, junta às muralhas, que se iriam chamar:

Rua do Trigo, Rua do Leite e Rua da Cevada. Na primeira, iriam constar novos moinhos para a moagem do trigo e padarias para criação de pão através da farinha; na segunda, as "casas dos queijos" e alguns talhos; e finalmente na terceira, cervejarias.

Passariam as próximas semanas a construir ou melhor, adaptar essas ruas às suas novas funções.

...

Indes vivia normalmente, mas sentia saudades daquela rapariga daquele dia que raramente via... Sentia que havia mais alguma coisa para acontecer em relação a ela, mas não se sentia na necessidade de agir... Deixava a água fluir... Se esta lhe aparecesse no caminho, iria ver o que fazer.

...

À medida que as semanas se passavam, as ruas iam ganhando a sua forma: As "fábricas" e "lojas" eram construídas sobre uma estrutura em madeira de Acácia, revestida de um telhado feito em colmo tradicional. Já existiam mulheres disponíveis para as funções que seriam novidade à cidade, adicionando às que já operavam em alguns setores já existentes, que foram assim mobilizadas para as novas ruas. Relativamente os cidadãos que nessas ruas habitavam, tiveram de estar

sujeitos a uma mudança que não foi do seu agrado. Foi também necessário trazer alguns trabalhadores estrangeiros, com o objetivo de

lecionar aos nacionais os modos corretos de produção, uma espécie de ensino profissional fornecido pelo estrangeiro, que no caso, vieram da Dopácia de Spy, Martan e Hantaro.

...

Ao fim das construções, algumas semanas mais tarde, já as mulheres que iriam começar o trabalho se encontravam instruídas às funções desempenhadas. Os stocks já se encontravam com alguns recursos, incluindo a cevada, o queijo e algum excedente de pão, a coisa já começava a tomar forma.

Tudo em Recécio tomava forma, apesar da fraqueza da maior parte dos edifícios, sendo estes feitos em madeira ainda. O exército prosseguia no seu treinamento intensivo semanas após semanas... Meses após meses... A produção estabilizava e a escassez era muito reduzida.

Enquanto isso, fora recebida no reino alguns meses mais tarde uma carta oficial provinda do reino de Céciot, um país ocidental também

recentemente criado. Assim que entregue a Indes, este a leu para Dodo:

- "Saudações amistosas Recécio.

Venho por este meio, eu, Shipps, Rei de Céciot, vos convidar para uma cooperação militar de forças de elite de ambos contra o Império Terrorista de Max, a Fébfa, que recentemente nos têm vindo a ameaçar. Assim que for possível, se aceitarem esta proposta, é de pedir com muita gratidão que venham até a nossa capital com o vosso grupo da elite se possível. Obrigado pela atenção e compreensão, Shipps."

E é isto meu irmão... O que achas?

- Seria uma boa campanha, tendo em conta que estivemos mais do que um ano treinando com os nossos soldados...

- Vou proceder à seleção dos mesmos sendo assim... Ficarás como Regente na minha ausência se voltar.

- Não te preocupes... E eu sei que tu voltas, não vai ser difícil sendo duas forças contra uma, relaxa. - Respondeu calmamente Dodo.

Feito isto, nos dias seguintes, Indes passou a informação às famílias dos selecionados, que foram trinta e nove, incluindo Gabriel.

...

Os preparativos decorreram durante duas semanas, e quando os cavalos e os burros já estavam equipados, partiram, muitos com alguma

tristeza, mas na sua generalidade estavam mentalmente bem preparados para partida. As mulheres choravam, mas Indes as tranquilizou:

- Não se preocupem, iremos acompanhados de Céciot, um reino ocidental mais poderoso que nós. Voltaremos todos os trinta e nove, eu asseguro-me disso! - E assim se viu o partir dos cavalos e dos burros, todos acompanhados de homens e de mercadoria pesada (armamento), além de alimento.

Fizeram a primeira paragem quatro horas após a partida, ainda em território rural de Recécio. Quando se estabeleceram no acampamento e Gabriel foi ao seu burro verificar a mercadoria, viu surpreendentemente o pequeno Sec de dez anos a dormir:

- Sec!!!!! Acorda! - Com isso Sec acordou lentamente e disse:

- Eu... queria... acompanhar-te tio! Por favor!

Gabriel hesitou no começo... Mas depois de pensar melhor, permitiu e contou a Indes que não ficou muito preocupado, porém encarregou o tio do menino de cuidar do mesmo.

Retomaram viagem cerca de meia hora mais tarde, pelas grandes planícies de oeste, de fácil circulação devido ao baixo-relevo. Passariam a noite numa aldeia de nome Amindo, indisputada, onde foram bem recebidos apesar de Indes não ser reconhecido.

Só chegariam ao seu destino três semanas mais tarde: cansados e sonolentos. Foram recebidos com alguma desconfiança por parte da guarda de Céciot , mas assim que entraram sentiram-se em casa. Indes, assim que vira alguém parecesse "importante" , perguntou sobre Shipps . Foi-lhe dada a indicação geográfica do palácio do rei de Céciot , que era visível de onde se encontrava o grupo. Era uma cidade "sem cor" , embora bastante maior e mais populada que Recécio. Encontrou-se apinhada de lojas nas ruas principais, e os cidadãos não pareciam estar infelizes. Ao fundo do cenário era visível um castelo dentro das fortalezas da cidade, encontrando-se este numa das margens das muralhas. Era lá que se encontrava Shipps, e foi para lá que o grupo se dirigiu ainda com os seus cavalos e burros.

Assim que o Rei Shipps soube da notícia, veio receber os viajantes à porta do seu palácio

- Sejam muito bem-vindos a Céciot! Não esperei sinceramente que acordassem em se juntar a nós nesta campanha, todas as outras que propusemos se recusaram. Entrem e deixem os vossos animais aqui no estábulo ao lado. E assim os visitantes se acomodaram enquanto Shipps lhes mostrava a sua "casa ".

Após a longa visita, mostrou-lhes os quartos onde iriam ficar por reduzidos dias até partirem todos juntos.

Passariam cerca de uma semana nessa enorme cidade, enquanto o soberano dessa cidade preparava as suas tropas especiais para o que se seguiria. No dia final, aquando da partida, Shipps e Indes chamaram as tropas para uma reunião rápida sobre os possíveis perigos que

enfrentariam. O pequeno Sec sentia-se um deles, pois ninguém o tratava de forma inferior.

. . .

E partiram para as terras do sul, em espera de uma missão nem tão fácil nem tão difícil, o que deixava os homens confiantes.

A sua rota para sul era tão curta quanto de Recécio até Céciot (tendo em conta que as viagens mais longas demoravam muitas semanas) e demoraria cerca de trinta dias tendo em conta a elevação no terreno. Na rota fizeram quatro acampamentos, acumulando no total dez desses dias apenas para o sono. Passaram frio por ser uma área montanhosa no final e a sua comida era à base das carnes e pão que haviam trazido, e de animais que capturavam à medida que os iam encontrando.

No último dia da viagem, assim que passaram a cordilheira montanhosa, avistaram de um planalto uma maravilhosa terra em baixo, toda ela esverdeada de relvado e contendo apenas pequenos arbustos. Ao fundo era possível observar pequenas vilas, acompanhados de uma enorme cidade cujo panorama não era nítido devido à distância a que se encontravam.

Estabeleceram um acampamento de longo prazo numa caverna situada junto desse grande planalto e, infelizmente, tiveram com o tempo de deixar os seus animais morrerem para comerem a sua carne. Subsistiram no local a partir de então.

Nas primeiras semanas Indes e Shipps enviaram batedores para analisar todo aquele reino de fio a fio. Regressaram já com um mapa que roubaram de um palheiro num vilarejo e passariam as próximas semanas a planear o assalto subtil. O pequeno Sec, que já então havia feito seus dez anos, estava sob um intenso treinamento diário por parte de vários dos nobres, tanto de Recécio como de Céciot, que treinavam entre si. Uma equipa especializada era encarregue de descer à planície para colher bagas e outros frutos como suplemento alimentar.

Somente semanas mais tarde foi o plano efetuado e exposto a todos por parte dos governantes. Reuniram os mais de oitenta homens à entrada da caverna. Indes começara:

- Bem prestem todos atenção. Selecionaremos alguns de vocês para entrarem na grande cidade central escondendo-se em carros de feno que são levados das vilas rurais para o centro, sendo que as portas são somente abertas a mercadores locais.

- Não será uma tarefa nada fácil - Continuou Shipps - E correm grande perigo de vida caso sejam descobertos. Tenham todo o cuidado do mundo...E caso algo corra mal, tentem incendiar alguma coisa como sinal, que iremos em vosso auxílio... E caso entrem... Sabem o que fazer. Estaremos observando as portas.

Após o anúncio, Indes e Shipps voltaram a reunir-se e discutir sobre assunto.

Somente umas duas horas mais tarde, ao início da noite anunciaram os nomes de quem seria escolhido para a perigosa missão, com Indes a anunciar:

- Vocês os seis serão os escolhidos - E apontou o dedo a cada um. Entre estes, somente de Recécio, estava Gabriel, Lucas Morosini, Marcelo Moreno, MateusMTS, o próprio Indes e o pequeno Sec por último, que deixou todos surpresos. Indes justificou-se pelo facto de o rapaz ter muito talento e por ser pequeno, poderia facilmente entrar em qualquer lugar.

Partiram no fim da manhã do dia seguinte em direção a um vilarejo nas proximidades, sem armadura exterior de modo a que não fossem expostos ao sol, e com uma adaga no traje. Secódio encontrava-se algo nervoso e chegou mesmo a chorar, mas o seu tio e Indes conseguiram tranquilizar o menino.

Assim que se aproximavam os seis da vila, avistaram um estábulo, com uma dúzia de carros de feno que ao que pareciam, não ficariam ali por muito tempo. Não se demoraram a instalar dentro de cada um, acompanhados de bagas trazidas pela equipa de recolha no dia anterior. Ali permaneceram durante quase duas horas, com um suor de nervos e a tentarem ficar calmos, incluindo Indes. Por fim, após uns minutos, sentiram várias pessoas a levarem os carrinhos por uma longa distância, até que começaram a ouvir inúmeras vozes, tanto perto como longe. Deduziram já ter entrado dentro da cidade, porém, não podiam comunicar uns com os outros.

Os carrinhos só pararam após uma longa distância dentro da cidade, e ali ficaram no aguardo até não escutaram voz alguma.

Indes foi o primeiro a arriscar e levantou-se do meio do feno, ainda cheio dele pelo corpo. Olhou à volta e deu sinal para também saírem, até repararem que Gabriel não estava com eles, o pequeno Sec entrou em pânico, até que novamente Indes o conseguiu acalmar... O carrinho de Biel devia de ter ido a uma localização diferente... Os cinco encontravam-se numa rua junto a uma muralha, atrás de edifícios todos feitos em madeira e com telhado de colmo. Sabiam que seriam confundidos por população normal, e buscaram pelo companheiro toda a tarde.

Que bela cidade. Era muito maior do que qualquer outra que haviam visto. As ruas principais estavam organizadas sob um plano de paralelismo entre elas, todas compostas por grandes edifícios em pedra, com telhados de colmo. Nas ruas secundárias já as casas se erguiam em madeira.

Após uma tarde em busca de Gabriel, começaram a observar ao longe um enorme fogo em varias casas situadas num extremo da cidade. Sabiam que só poderia ter sido o seu companheiro e dirigiram-se de imediato para as redondezas dessas casas. Pelo caminho encontraram um enorme aglomerado de gente, ao qual se juntaram e subitamente viram o seu amigo no centro, somente equipado com uma espada e um punhal à cintura. Tinha à sua volta cerca de cinco guardas com armaduras simples, em colmo. Assim que um deles correu na direção de Gabriel, este recua ligeiramente e aquando do desferimento de um golpe de espada vertical, o bloqueia com a sua, e em frações de segundo a arrasta para a direita enquanto efetua um movimento rotativo corporal retirando a sua adega e desferindo um golpe mortal no peito do guarda, que caiu

inanimado no frio do chão de pedra. Assim que Gabriel viu o adversário cair morto no solo, olhara por entre o seu ombro direito e atira sua adaga contra um dos restantes quatro, cuja morte foi certa pela sua pontaria à cabeça. Aquando da queda inerte deste ultimo, outro corre

na direção de Biel, com a espada em riste... O Recéciano precisou apenas de se agaixar e pontapear o pé da frente do guarda, que enquanto no ar havia deixado escapar a sua arma, caindo sob a espada de Gabriel, que já antevia esse voo, matando-o friamente. Os restantes dois vieram ao mesmo tempo, já com o adversário em pé, tentaram –no atingir com golpes cruzados, os quais bloqueou, um com a espada e outro com a adaga. Nem lhes deu tempo: Aquando do bloqueio dos golpes, agaixa-se de súbito e transfere um pontapé rotativo, que faz cair os dois guardas, que são decapitados, um ainda no ar, e outro no chão, pela espada de Gabriel que, vitorioso se põe de pé e olha em seu redor. Até notar a presença de seus companheiros. Furaram entre a multidão, até se encontrarem no centro, junto aos cadáveres dos guardas. Estavam sozinhos, em território desconhecido, odiados de uma multidão apraltada e em pânico que gritava. Indes até estranhou o Sec não entrar em pânico, e o empurrou para o meio do círculo que os restantes cinco fizeram. Ali ficaram, imóveis por uns momentos, até começarem a ouvir de longe inúmeros cavalos que para lá se dirigiam, e desapareceram juntos por entre a multidão, já só com as adagas equipadas.

Assim que se desanuviaram da imensa pressão aglomerada que aquela gente efetuava, reuniram-se atrás de um edifício escondido, nas redondezas do castelo central:

- Já que os distraímos e os mobilizamos, devíamos forçar a nossa entrada no castelo e matar o rei, aquele tal de Max... - Disse Morosini em tom de dúvida.

- Vamos! - Adiantou Gabriel

- Mas tu ficas aqui Sec, não podemos arriscar que morras tão novo. Se precisares de comida ou água, encontras pelas redondezas, e não te preocupes conosco, vai ficar tudo bem, confia no tio.

Sec não teve qualquer reação e lá ficou sentado, com gotas densas de suor a lhe escorrerem pelo rosto e um olhar de quem só agora havia transposto a inocência da criança que era. E assim viu partir seus companheiros, ficando ali completamente sozinho.

Corriam os cinco em direção à porta principal do enorme castelo e, vendo que apenas havia dois guardas nos portões de madeira, mataram-nos com toda a facilidade, e assim que entraram trancaram os portões por dentro. Encontravam-se completamente sós, naquele labirinto. A sala onde se encontravam não era muito espaçosa para uma recepção de um castelo, e via-se na retaguarda uma enorme escadaria que divergia em dois. Indes disse, com um tom baixo para os companheiros:

- Suponho que os aposentos dele sejam no topo, por isso não percamos tempo, o sol já se está a pôr... - E assim subiram a correr por aquela densa escadaria cujo formato era igual de piso para piso... E quanto mais subiam, mais escuro ficava o interior... A certa altura, através de uma janela, puderam observar os seus companheiros que não entraram dentro das muralhas, do lado de fora agrupados e a atirar setas em chamas para dentro, atraindo a atenção de toda cidade, que ecoava em pânico.

Até que pararam. A escuridão foi quebrada quando um compartimento todo iluminado de tochas cativou o olhar. Mateus foi o primeiro a entrar, com grande cuidado... mais nada aconteceu em primeira instância... E pôde observar nessas laterais dessa sala comprida coberta de mármore

inúmeras armaduras em materiais variados, desde estanho a ouro, prata, cobre, entre outros. Acharam que seria perigoso tocar, por isso recuaram e seguiram a subida, pelas escuras escadarias... Até não haver mais por onde subir, e se depararem com um andar muito amplo, onde se viam as mesmas paredes que estavam do lado de fora do edifício, e ao fundo, um salão enorme, com a porta de madeira fechada e apenas uma pequena luz de uma vela era visível no interior. Era um autêntico cenário de terror. Como poderia alguém habitar ali ? Teriam mesmo de entrar, então Indes iria na frente... Assim que se foram aproximando da porta, nada mais conseguiam ouvir e ver, nem mesmo os ruídos exteriores da população em pânico... Fazia-se um silêncio ofegante e constrangedor, que tentaram resolver enviando Marcelo e Morosini à sala dos mármores para buscar tochas... Mas os dois nunca voltaram. Mateus e Indes foram atrás deles os procurar e Biel ficou ali sozinho, no escuro, no pesado silêncio, com a sua adaga empenhada. Assim que Indes e Mateus desceram dois andares até a sala onde haviam enviado os outros dois, viram que a luz das tochas havia desaparecido e que já nada mais era observado no seu interior. Era arrepiante... Porque nem a voz dos seus companheiros foram capazes de ouvir... Mas não podiam deixa-los para trás, então decidiram entrar na longa sala... Avançavam cautelosamente pelo escuro, e os sons do exterior desapareceram do limite das suas audições... E prosseguiram cautelosamente... Até que, ao fundo da sala ouvem um ruído, e abrandam a passada, retirando suas adagas do cinto. A certo ponto a sua visão noturna melhorara, e puderam ver um alçapão no chão, no qual cabiam humanos. Assim que o abriram, desceram um pequeno conjunto de escadas, que os levou em uma escadaria em espiral que subia bem alto. Ao olharem para cima, através do meio da espiral,

puderam ver o que parecia uma cabeça a decair da escada. Podia ser de um dos seus companheiros... E assim que subiram até aquele ponto, viram que se não se tratava de nenhum deles... Era um cadáver que se encontrava em decomposição, e o cheiro era intragável. Prosseguiram com maior cautela, até encontrarem outro corpo estendido, e era o de Marcelo, que felizmente só estava desmaiado. Para o acordar foi um massacre, e ele não se lembrava de nada... Mas ainda assim, e retomando a memória aos poucos, os quis acompanhar até o topo... Lentamente lá chegaram, surpreendidos com a presença de uma tocha no topo, na lateral de uma porta de madeira que dava entrada para aquela grande sala escurecida do último andar, que daquele ângulo, pelo buraco da fechadura, lhes pareciam um labirinto... E sabiam que Gabriel aguardava do outro lado, ou não...

Gabriel decidira entrar sozinho. Mas antes disso apagou a vela que se encontrava no interior, junto da porta, para não interferir com a dilatação das suas pupilas, que permitiam ver melhor no escuro. E passo a passo, avançava lentamente, sempre com atenção às laterais, onde via salas sem nada, absolutamente nada. Ao fundo do constrangedor corredor, havia dois outros, um para a esquerda e outro para a direita. Por instinto foi pela direita. O silêncio excessivo consumia a sua sanidade, mas prosseguia, sentindo gotas do suor nervosinho na cabeça... Numa das salas que olhou à esquerda pôde sentir que alguém lá estava, pelo tamanho enorme da sala comparativamente às restantes. Era também a única sala com decoração, tendo algumas estantes de madeira e ao fundo uma secretária, onde viu uma estranha figura sentada, a qual não conseguia ver bem pela inexistência de luzes naquela sala, e disse:

- Mostra-te! - Mas nada ocorreu e a figura mantinha-se parada.

- Mostra-te covarde! – Gritou Gabriel. Uns momentos depois o sujeito acendeu uma vela na sua secretária, seguida de outras tantas suspensas na parede, e Biel pôde ver que se tratava de um homem muito pálido e muito magro, sendo possível observar os traços dos ossos no seu rosto. Tinha o olhar focado em Gabriel, e respondeu:

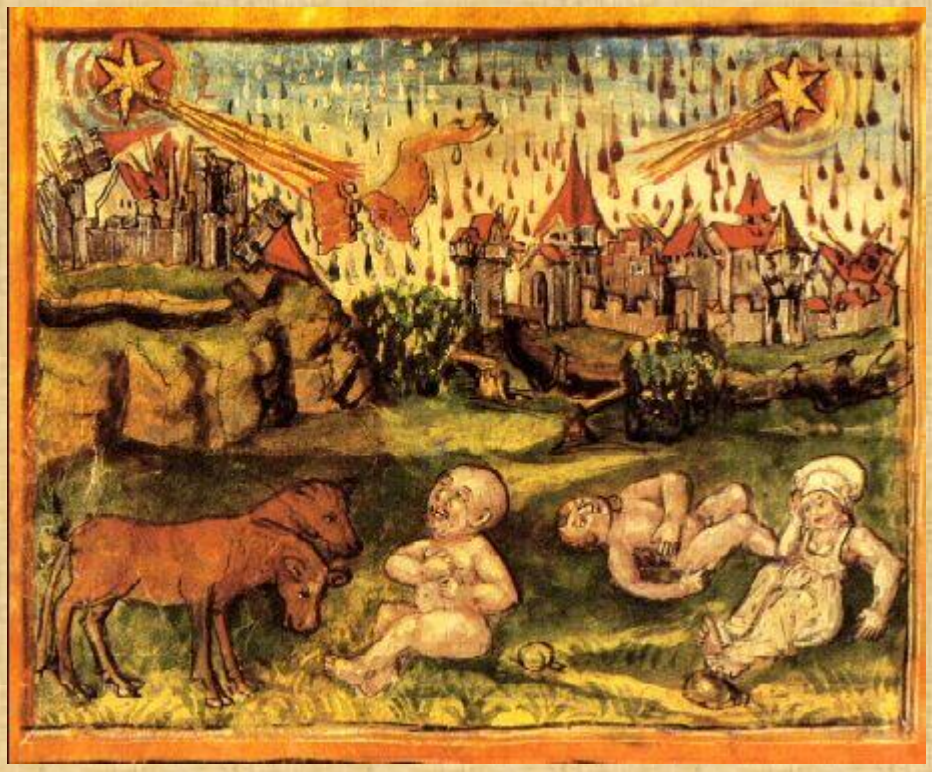
- Com calma... Tenho algo aqui que te possa interessar. – E enquanto se levantava, o Recéciano sentiu três guardas atrás, com as suas espadas apontadas às suas costas. O sujeito da secretária, que agora estava em pé, prosseguiu:

- É só para garantir que não fazes nada precipitado depois de te mostrar isto... – E arrastou de trás da mesa o pequeno Sec em estado

de choque, e não se moveu Gabriel, tendo o sujeito prosseguido: - Eu sou o Max, rei das ilustres terras de Fébfa. – Fez uma pausa – Tens meia hora para fazer com que os ataques da vossa parte parem. – Biel congelou.

Entretanto, os outros três entraram na porta que ia ter ao corredor da esquerda, onde encontraram e acordaram Morosini sem barulho, prosseguindo pelo corredor à procura da saída, até Indes, que ia na frente, ver luz naquela sala ao lado e espreitar pela fechadura. Viu Gabriel e os três homens mas não via o Sec como vítima no outro lado da sala... Então planearam minuciosamente em alguns segundos entrarem os quatro de rajada e matar os três guardas, porém, quando entraram, os guardas haviam virado Gabriel contra o lado da parede e Max não pareceu surpreendido... Ali ficaram uns segundos, os quatro imóveis... Repentinamente, Max cai no chão de joelhos com a barriga ensanguentada... Foi o pequeno Sec que o havia feito com a adaga que tinha na cintura, e fugiu até o pé dos companheiros, que avançaram sobre os guardas. Biel, aproveitando-se do momento, deixou-se cair exatamente na horizontal, com as pernas fletidas junto à parede, que utilizou como um impulso para escapar do alcance dos guardas, que se mantiveram os três juntos. Quase de imediato, uma adaga surge na testa do guarda da ponta direita, do lado de Gabriel, atirada por Mateus. Biel não perdeu tempo, e enquanto o guarda morto caía, apanhou a sua espada, e com um movimento rotativo decapitou os

restantes dois. Só se haviam esquecido de uma coisa, de Max, que desaparecera da sala em frações de segundos... Reparou numa poça de sangue debaixo da secretária, que cobria um alçapão escondido, mas quando lá foram abrir, não conseguiram, era necessário um mecanismo. Acabaram desistindo e decidiram planear a sua fuga da cidade o mais depressa possível. Desceram o enorme castelo a correr e em baixo procuraram uma porta traseira que realmente existia, e quando saíram, tudo estava em chamas, chamas essas que também queimaram os portões traseiros da cidade, que dava para a floresta... Seria esse o rumo dos seis guerreiros, que com certeza seriam dados como mortos pelo resto do grupo... Mas quando se encontraram já perto da porta para o



exterior da cidade puderam ouvir Max ao longe atrás a gritar para que reunissem o exército e os perseguissem. Mas os Recécianos continuaram na sua corrida por entre as ruas em chamas nas laterais e conseguiram sair. Porém, sentiram um exército massivo a correr na sua

direcção ao longe, e não pararam de correr pelo meio da floresta, mas sabiam que iriam ser apanhados, então Indes parou, e disse ofegante:

- Continuem sem mim, vou distrai-los... - E pararam todos a corrida para olhar para Indes... E prosseguiu - Eu não voltarei, mas antes de partirem... Sec, vem cá. – E o pequeno Sec foi, ficando debaixo do braço. –

Onde a chuva cai, a vida nasce...

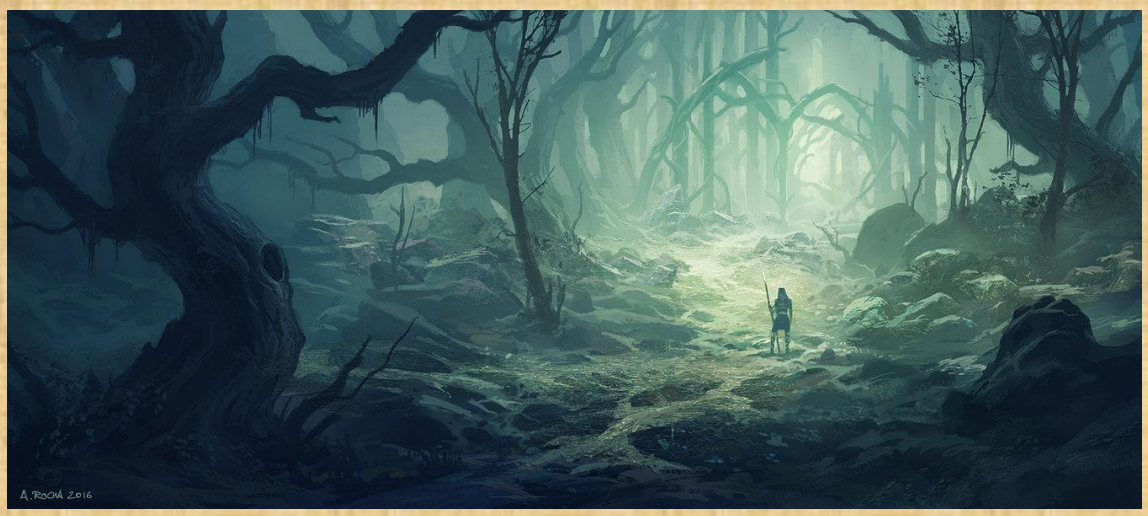
Onde os riachos fluem, a vida floresce...

E onde a água estagna, a morte subsiste...

Sejam a água que dá vida as novas gerações...

Vivam, não de modo aperfeiçoar o vosso mundo, mas a deixá-lo um berço de sonhar para quem virá no futuro...

Essa é a nossa essência. – Fez uma pausa – Agora vão! Já consigo vê-los por entre as árvores ao longe!



E partiram os cinco em correria por entre o denso arvoredo e Gabriel levava Sec às costas, que chorava muito... Nunca antes havia sentido o peso da morte na sua curta vida...

...

Somente um ano depois chegaram a Recécio. A sua jornada de volta havia sido complicada para sobreviver... Até que uma moça de entre a multidão lhes perguntou...

- Onde está... O Rei?

Fez-se um silêncio pesado, que se seguiu com a resposta pesarosa de Biel:

- Indes... Não está mais entre nós.

A moça desatou num choro... Era Letícia! Apesar de os restantes guerreiros que anteriormente haviam voltado à vila lhes pronunciaram a morte daqueles seis, ninguém quis acreditar. Mas agora... Toda a cidade e o país ficariam em choque...

A notícia não demorou a chegar a Dodo, que depois de algum choro se reuniu com Maycon no palácio...

- Meu grande amigo, eu tenho uma surpresa para ti. – E tirou de uma pequena sala a coroa, que colocou na cabeça do seu amigo...

Maycon não teve reação, congelou. Dodo prosseguiu...

- Não tenhas receio do que fossas enfrentar, tu és o mais capaz disto! E quanto a mim... Eu vou viajar pelo mundo e tentar descobrir a verdadeira essência da vida, porque aqui em Recécio não mais pertenço sem o meu melhor amigo. Vou só me despedir de todos aqui no palácio e partir. Já tenho tudo arrumado.

E Dodo nunca mais foi visto, assim como a jovem Letícia, que se recusava a crer na morte de Indes e decidiu também partir em busca do seu amado, contra a vontade da sua mãe, pois a ele devia o facto de agora estar viva.

...

E assim se formaria uma nova Recécio, sob o reinado de Maycon, o pobre artesão que ascendeu a Rei.

Continua...

Elenco:

Indes -> Golden.Police (Indestructible2)

Dodo -> Luan.329 (-Reformado-)

Maycon -> Gaaradaareia1

Gabriel -> -NickBi (Pernalonga01)

Shipps -> ,Shipps

Max -> !.::Max::.!

MateusMTS -> Mateus007mts

Lucas Morosini -> Prototype0 (Lucas.Morosini)

Marcelo -> Dx-Moreninho-xD

Sec -> Sec.Habbo

Yann -> Yann1230

Referências:

Nabas -> Nabas704.

Rodrigão -> Rodrig@o.

Spy -> --Spy—Wolf—

Martan -> DJMartan

Hantaro -> Hantaro-Pixel